

## MITO: RUÍNA E RESTAURAÇÃO EM *MEU DESTINO É SER ONÇA*, DE ALBERTO MUSSA

**Jorge Lucas Souza Monteiro**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: lukaz2100@hotmail.com

### **Resumo**

Neste artigo, faço uma breve análise do trabalho feito por Alberto Mussa e sua restauração do mito da criação tupinambá. Motivado por sua ideia de que todo brasileiro é descendente dos nativos indígenas, Mussa faz um vasto recorte, de diversas fontes, para recriar esse mito, documentado por muitos viajantes, mas fragmentado pela história por conta da colonização europeia. O artigo se ampara na ideia da possibilidade de agregar a narrativa nativa à literatura de uma nação que fora colonizada (essa que busca para si constituir uma identidade própria), seja através da literatura praticada pelos próprios indígenas ou pelas mãos de escritores não-nativos que se utilizam da voz indígena através de pesquisas e relatos para fazer literatura, na tentativa de constituir uma literatura nacional própria. Para tal, utilizo autores como Stuart Hall, para falar sobre identidade, Mircea Eliade, que vem nos falar sobre como os mitos se tornam fundamentais na formação dos povos, entre outros teóricos que falam a respeito de tais temas.

**Palavras-chave:** Mito. Restauração. Identidade. Literatura.

### **Abstract**

In this article, I do a short analysis of the work done by Alberto Mussa and his restoration of the *tupinambá* myth of the creation. Moved by his idea that every Brazilian is descendant of the Indian natives, Mussa does a vast snippet, from diverse sources to recreate this myth, documented by many travellers, but comminuted through the history because the European colonization. The article is supported in the idea of the possibility of aggregating the native narrative to the literature of a nation that was colonized (this one that searches to itself an own identity), either by the literature practiced by the own native people or by the hands of the non-native writers that use the indigenous voice through researches and stories to make literature. For this, I use authors such as Stuart Hall, who talks about identity, Mircea Eliade, who talks about how myths can be fundamental in the formation of people, among others theoreticians who talk about such themes.

**Keywords:** Myth. Restoration. Identity. Literature.

*Há 15 mil anos somos brasileiros, e não sabemos nada do Brasil. (MUSSA, 2009, p. 22)”*

## **Introdução**

Uma grande dúvida recorrente a muitos artistas de uma nação que fora colonizada é: seria possível criar uma identidade própria? Seria possível para nós, que fomos colonizados, descendentes de uma identidade que não é nossa, conseguir representar a nós mesmos sem considerar os traços daqueles que vieram a essa terra impor suas características? Seria certo ou errado assumir que temos sim que imitar aquela nação que nos colonizou (uma vez que a possibilidade de criar uma identidade original é quase nula) e outras que hoje exercem bastante influência sobre nosso país?

Autores como Stuart Hall defendem que é impossível uma pessoa (e conseqüentemente uma nação) forjar para si uma única identidade, pois estamos passíveis de sofrer influências externas o tempo todo. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, p.13).

A história nos mostra muito bem isso. Com a afirmação do Brasil como uma nação (geograficamente falando) e com o surgimento do sujeito brasileiro, houve uma vontade natural de criar-se a tal identidade nacional, algo a se esperar de um país que conseguiu sua independência. Segundo Leila Perrone-Moisés (1997), “as reivindicações nacionalistas nascem e vivem da rejeição de um outro opressivo, que impõe seus princípios e seus valores, apagando, ao mesmo tempo, os de uma cultura determinada. Esse outro é um invasor, um colonizador, um explorador.” Surge, assim, o anseio de se criar uma identidade nacional.

Mas o que a história diz, primeiramente, é que se tentou copiar os modelos que eram exportados da Europa, em especial a França, tida como centro da intelectualidade artística da época. A classe dominante se espelhava naquele continente. Na literatura, a estética por aqui utilizada seguia à risca o que vinha de fora, apenas mudando os personagens. Muito disso mudaria após as revoluções da arte moderna na década de 1920, quando muitos artistas começariam a olhar mais profundamente para o Brasil.

Daí surge, a vontade de estudiosos literários em reconhecer uma nova identidade cultural para as novas nações que nasceram, frutos da colonização européia e do extermínio indígena. Como encontrar seu lugar ao mundo?

Dentro desse contexto, de tentar pôr a sua nação como protagonista, liberta das influências coloniais, surge Alberto Mussa, escritor de contos e romances, além de tradutor, com a obra *Meu Destino é Ser Onça*, onde pretende restaurar o mito da criação do mundo acreditado pelos tupinambás. No preâmbulo da obra ele explica o motivo dessa restauração ter tanta importância para ele: segundo o mesmo, os brasileiros, apesar de negarem, ou simplesmente não darem a mínima importância para isso, são sim descendentes dos nativos que aqui habitavam antes da chegada dos portugueses. Ainda nessa parte do livro, Mussa fala o que o levou a fazer sua extensa pesquisa sobre os tupinambás. *Cosmografia Universal*, do frade André Thevet, o havia fascinado. Em suas próprias palavras:

Era um texto que teria merecido figurar em todos os cânones da literatura brasileira – fosse qual fosse a definição desse conceito. Mas nem as partes da *Cosmografia* que tratavam do Brasil tinham sido traduzidas para o português. Senti, assim, um impulso irresistível de incorporar a epopéia tupinambá à nossa cultura literária (MUSSA, 2009, p. 26).

Sendo assim, restaurar a primeira grande narrativa de qualquer civilização (a criação de tudo) se faz tão essencial para o autor. Restaurar, pois os grandes mitos dos antigos nativos foram se perdendo conforme esses foram sendo dizimados durante a colonização, podendo até ser lembrados por muitos historiadores e antropólogos, mas cuja extensa narrativa havia sido perdida. É uma ideia radical: anteceder a colonização e ir buscar na narrativa (indígena) a fonte do que pode ser a nossa identidade. Alguns capítulos da obra de Thevet estão dentro do livro de Mussa.

### **O imaginário ameríndio na literatura latino-americana**

Quando pensamos na presença indígena na nossa literatura, é normal que nos venha à mente o romantismo indianista, de José de Alencar, Cruz e Souza entre outros, onde o índio se transforma no grande herói romântico, uma tentativa de imitar os grandes cavaleiros românticos presentes na literatura européia, gentil,

puro, comumente fruto de desejo de algum personagem feminino. Tirando essa fase, o índio pouco se fez presente na nossa literatura, vindo a se tornar figura central somente com Macunaíma, já no século XX, dessa vez, um personagem indígena que se metamorfoseia em pessoas de outras raças para se transformar na grande crítica ao brasileiro, obra que consagaria Mário de Andrade.

Mas, fora isso, onde está o índio na nossa literatura? Onde está o seu protagonismo, como personagem essencialmente brasileiro? São essas questões que levam Mussa, convencido da condição dos índios como nossos ancestrais, a uma pesquisa tão profunda para restaurar o mito em forma de literatura. A pretensão aqui é dar uma origem comum ao que o escritor enxerga como brasileiro, então nada melhor que partir do mito de uma das etnias existentes no Brasil pós-descobrimiento, nesse caso, o grupo com os quais os portugueses mais tiveram contato: os tupinambás.

Marília Librandi defende a ideia de os escritores, interessados na literatura indígena se travestirem de *nativos* para agregar a literatura ameríndia à literatura nacional. Segundo ela: “Ocupar o ponto de vista nativo significa a situação paradoxal de tornar-se estrangeiro em relação ao seu próprio pensamento, estranhando-o, e ao mesmo tempo tornar-se nativo de um pensamento estrangeiro, borrando os limites entre ambos” (LIBRANDI, 2012). Ela sugere a possibilidade de *tornarmo-nos nativos da literatura* e seus mundos, usando a voz dos nativos para colocá-los em um lugar de prestígio no nosso universo literário.

Mussa faz isso, através de uma extensa pesquisa, consultando diversas fontes de pessoas que conviveram com esses índios durante a colonização portuguesa (os tupinambás viviam especificamente no litoral brasileiro). Assim sendo, o livro se divide primordialmente em quatro partes: o preâmbulo, que aqui se faz mais do que uma introdução, afinal, sendo uma obra bastante peculiar, é mais do que necessário saber o motivo que leva o autor a fazer essa pesquisa; o mito restaurado em forma de narrativa; as fontes da pesquisa, que permitiram que Mussa restaurasse esse mito; e o original teórico, que serve como glossário para os diversos nomes e símbolos que aparecem na narrativa.

Alberto Mussa se especializou em falar sobre mitologia, tanto as tão conhecidas universalmente (grega, egípcia, entre outras), como os mitos de outras culturas, incluindo aí a brasileira e suas raízes afros e indígenas, onde ele mostra

preocupação em não deixar os mitos relacionados à formação do brasileiro se perderem. Muitos autores se preocupam em criar uma identidade brasileira, sendo Mussa um desses, se utilizando das mitologias para tentar alcançar esse desejo.

Mitos fazem parte da imaginação e identidade de qualquer povo, se fazem essenciais para aqueles que viviam ou ainda vivem aquém da civilização urbana. Eliade (1972, p. 6) defende que é preciso notar o quanto o mito ainda é, ou foi, importante para a condução de muitas sociedades, no sentido de que ele fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Podemos enxergar o mito como pura fábula e imaginação, o cristianismo, e outras religiões de povos civilizados, tratou de não aceitar qualquer mito e tratá-los como pura ficção, mas ele ainda é a pedra fundamental para muitas sociedades, principalmente os nativos, que não tem a noção do significado da palavra mito que nós aprendemos a compreender. Eles fazem parte do nosso país. Se os limites territoriais são tão importantes para identificar uma nação, eles também são brasileiros. Para Eliade: “Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos” (ELIADE, 1972, p. 6). Sendo de fundamental importância, Mussa acredita que os estudos relacionados a esses mitos são primordiais para a construção de uma identidade: se somos descendentes dos indígenas eles tem que fazer parte da nossa literatura.

Mesmo não criando uma nova história, Mussa está dentro do que Fonseca (2013) chama de autores indigenistas, tipos que criaram suas obras através da pesquisa de materiais daqueles que puderam ter contato real com os índios e puderam presenciar e ouvir o que eles tinham para contar. Autores que se fazem tão presentes na literatura brasileira: os que se apropriam da voz indígena para fazer literatura. Na introdução de sua tese ele diz que:

Os escritores indigenistas, que não puderam contar com o material antropológico, se valeram de textos que, nos séculos anteriores, foram escritos por aqueles que, de alguma forma, tiveram contato com a vida dos índios. Portanto, já fica dada a indicação de que, muitos dos livros produzidos por escritores indigenistas nasceram do trabalho que eles tiveram de ler e pesquisar no material colhido por viajantes que passaram pelo Brasil nos dois primeiros séculos de colonização, deixando suas impressões e estudos em vários tipos de relatos...Os relatos de viagem são

fundamentais para se entender a história da literatura brasileira, de modo especial, o momento em que se colocou o desafio de encontrar uma “voz” realmente nacional, o que ocorreu no início do século XIX. (FONSECA, 2013, p. 17).

Fonseca acredita que uma nova literatura pode surgir e também fazer parte da literatura brasileira: a literatura escrita pelos próprios índios, que aprenderam a nossa escrita. Pare ele, dar voz a esses índios seria, hoje, mais válido do que se apropriar da voz dos mesmos, como tem sido feito desde o surgimento do índio na nossa literatura.

A obra de Mussa se encaixa dentro das obras indigenistas, pois ele se apropria das fontes já existentes para tecer o mito. Não esconde que, para restaurar esse mito, ele teve que produzir um texto novo, afinal ele estava transformando em literatura, narrativas orais que haviam sido documentadas:

Por isso – porque quis fazer literatura – não me limitei a traduzir e anotar a versão francesa do frade. Produzi um texto novo, em português, que corresponde a um possível original tupi, no nível estritamente teórico do seu encadeamento lógico. O texto tupi não existiu, mas poderia ter existido. Além do mais, como toda narrativa é um processo racional e cumulativo, basta um certo número de fragmentos para que a restauração seja possível. (MUSSA, 2009, p. 27).

Assim, Mussa parte para a sua pesquisa. Além de Thevet utiliza vários outros pequenos relatos como fontes, entre eles, textos de alguns nomes famosos como Hans Staden e Padre José Anchieta.

### **O mito restaurado**

A narrativa sobre a origem dos tupinambás é apresentada por fases, que lembram bastante os livros iniciais da Bíblia, principalmente Gênesis e Êxodo, sobre o surgimento dos primeiros homens e da multiplicação dos seus descendentes. No entanto, na Bíblia, o criador se mantém eternamente como o personagem principal das escrituras, todos os personagens que surgem durante os livros tudo fazem em nome dele. Não é o que acontece no mito Tupinambá: o criador é chamado de Velho, e aparentemente esse foi o seu único e grande feito, criar os primeiros homens. O protagonismo da história é passado para outros personagens, que se

mostram mais independentes em relação ao seu criador, conforme eles se multiplicam.

Outro fato que destoe da Bíblia e que acaba se aproximando da mitologia de outras culturas (egípcias, gregas, romanas) é o fato que os primeiros seres, inclusive o Velho, eram bastante próximos dos primeiros homens na terra, a exemplo de quando o Velho caminhava por entre as tribos e era recebido com festa por elas. Sem mais nem menos, as tribos começaram a tratar o Velho como alguém indiferente, fato que provocou a ira do Velho e esse fez cair na terra uma grande tempestade de fogo, como vingança (um novo sentimento).

Vingança é uma das palavras chaves dentro desse mito, uma vez que ela está presente o tempo inteiro na jornada dos personagens que vão surgindo, quase sempre sendo o sentimento motriz dos acontecimentos: é através da vingança que os tupinambás alcançam a terra-sem-mal (espécie de paraíso tupinambá), é através da vingança que homens e mulheres vão sendo transformados em animais. A vingança é, portanto, uma dos sentimentos centrais daquele povo, sendo, inclusive, encorajada a ser praticada entre aqueles que queriam ir mais além à busca da glória, pois através dela os índios encontrariam a terra-sem-mal:

Os guerreiros vingavam seus parentes mortos, esfacelando o crânio dos inimigos, para ganhar um novo nome. Quanto mais nomes tivessem, mais fortes suas anguera se tornavam para enfrentar as provas terríveis da morte. Quanto mais nomes tivessem, mais rapidamente seriam vingados – quando fossem mortos e comidos – pelos parentes vivos. Porque só atingem a terra-sem-mal aqueles que obtêm nomes sobre a cabeça dos inimigos e são vingados depois de mortos. (MUSSA, 2009, p. 44)

A vingança, mesmo que feita de forma covarde, é vista como honra, já a traição não é perdoada, sendo esses traidores punidos, geralmente transformados em animais.

O canibalismo também se faz presente durante a narrativa, sendo outro artifício tratado como algo normal, a não utilização do canibalismo dentro de uma vingança implica que um homem não poderia alcançar a terra-sem-mal.

Um dos pontos mais interessantes da narrativa é que no início, somente havia os humanos. Enquanto na Bíblia Deus criou primeiramente os animais para, enfim, criar o homem e a mulher a sua imagem e semelhança. No mito tupinambá,

somente os homens existiam no início, com o passar do tempo, eles vão sendo transformados em animais como forma de punição por diversas coisas.

Na narrativa tupinambá há um relato de um dilúvio, causado por uma rivalidade entre Guaricuité e Sumé, irmãos gêmeos de pais diferentes, durante uma briga. Esses irmãos conseguiram escapar da morte da grande enchente escalando em árvores e, posteriormente, foram os responsáveis por repovoar a terra. Muitas das fontes que Mussa utiliza, ao ouvirem sobre esse grande dilúvio, imediatamente acreditam que os índios estão falando sobre o dilúvio bíblico, a exemplo de Nóbrega: “eles têm notícia do dilúvio de Noé, posto que não segundo a verdadeira história, porque dizem que morreram todos exceto uma velha que escapou numa árvore morta” (MUSSA, p. 124), Hans Staden: “Todavia contam que houve certa vez uma grande enchente em que todos os seus antepassados morreram. Acredito que se refiram ao dilúvio”. (MUSSA, p. 129); José Anchieta, “têm alguma notícia do dilúvio, mas muito confusa, por lhes ficar de mão em mão dos maiores e contam a história de diversas maneiras” (MUSSA, p. 137), entre outros.

Acreditam também que São Tomé tivera andado entre os nativos, ao confundirem o santo católico com Sumé.

Sumé, posteriormente, se transforma em onça, e passa a perseguir Jaci (a lua), para se vingar dos parentes que foram mortos. Sumé é uma estrela vermelha que surge no fim das chuvas, o mito diz que ela está com essa cor por causa do sangue de Jaci, a quem ele tenta matar. Jaci surge avermelhado (sangrando), e os índios gritam para que ele não morra. E assim ele o faz, se regenerando e voltando a sua cor natural. “Por isso continuamos matando e comendo nossos inimigos. Enquanto a onça não comer a Lua” (MUSSA, p. 69).

Essa visão, da eternidade alcançada através de vingança e canibalismo é o ponto central do mito, é o que rege as ações dos vários personagens que surgem durante a narrativa. É a forma que os homens encontraram para limpar o mal da terra: o ato maligno, traiçoeiro, tem que ser limado da história, nada mais justo do que matar e comer o corpo daquele que praticara tais atos. Segundo a própria teoria de Mussa acerca do mito, “nosso antigo, mundo, o mundo dos nossos antepassados, era a própria terra-sem-mal, porque nela toda violência equivalia a uma espécie de bênção”. (MUSSA, 2009, p. 73).

É uma noção de justiça e senso de mundo além do que podemos compreender, e essa visão fascinante sobre a condução da humanidade foi sendo perdida conforme a população nativa foi diminuindo, através do contato com o branco.

A ruína ameríndia veio com a chegada dos colonizadores. As grandes civilizações (mais evoluídas que o restante) que aqui existiam, foram extintas por tentarem confrontar os europeus. Maias, Astecas e Incas, por mais avançados que fossem em relação aos outros povos que aqui existiam, não foram páreos para as armas de fogo. Foram exterminados por conta disso, deixando para trás somente os vestígios dos grandes povos que um dia existiram.

Outros povos, menos desenvolvidos em termo de civilização, não tinham como enfrentar o homem branco, portanto, em uma visão geral, eram mais facilmente dominados. É o caso dos tupinambás e outras etnias que existiam ao longo do que seria o território brasileiro.

Interessante ver que essa mesma colonização serviu para fragmentar as identidades ameríndias que por aqui permeavam. Como bem diz Mussa, havia toda uma diversidade de povos indígenas que, mesmo falando uma mesma língua geral, tinham suas próprias identidades. Os tupinambás eram um desses povos. Mussa diz que através dos embates com os colonizadores, embate entre os próprios índios e, principalmente, por conta das doenças trazidas pelos forasteiros, esses povos foram sendo exterminados. As crenças desses povos estavam fadadas a desaparecer. Aos sobreviventes, houve uma intensa tentativa de substituir a crença pela europeia, através das missões.

Silvano Santiago diz que, “a América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua identidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores.” (SANTIAGO, 2000, p. 14). Diferentemente de outros países da América Latina (onde houve independência através da luta protagonizada pelos próprios povos que ali já existiam), a independência do Brasil foi feita pelos próprios portugueses que aqui habitavam. Não há uma tentativa de quebra imediata da influência que a coroa exercia no país. De qualquer forma, Santiago atenta para o fato que, independente da forma de colonização e libertação, a identidade dos povos que aqui já existiam, sofreu profunda interferência.

## Considerações Finais

No que diz respeito a essa maciça miscigenação que viria a acontecer no continente latino-americano no século, XX, o Brasil iria mais além: durante a colonização, muitos foram os aventureiros e viajantes que tiveram contato com os nativos. Em comum, todos aprenderam um pouco sobre o modo de viver dos indígenas, ouviram sobre suas crenças, alguns presenciaram rituais, deixando relatado o que haviam presenciado. Sobre sermos descendentes dos povos indígenas que aqui habitavam, Mussa é bastante sucinto ao afirmar que quase 100% da população brasileira descende dos índios, devido à alta miscigenação que se iniciou no país no século XVI. Toda a relação que tivemos com esses povos, desde o início da colonização, deve ser restaurado, não deixar que o tempo acabe com a origem dos povos que tão importante foram para constituir a identidade que continuamos buscando.

A arte nos possibilita isso, exaltar o que cada país colonizado pode oferecer, e nada melhor que se apegar a cultura nativa para tal, extrair dela algo que nos conecte com a terra, terra essa invadida por estrangeiros, mas que tanto passado já possuía antes da chegada desses.

Os mitos importam, constituem na formação de qualquer povo, é só imaginar que o que rege boa parte da sociedade ocidental, o cristianismo, pode ser visto como mito para outros povos, outras religiões. Algo que nos aproxime dos nossos antepassados, aos quais Mussa credita parte dos genes que constituem todo brasileiro. Reestruturar a narrativa da origem da vida tupinambá, portanto, vira uma chance de voltarmos à origem do próprio brasileiro.

## Referências

FONSECA, Mário Geraldo Rocha da. *A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira*. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/4985>> Data de acesso em: 20/05/2016.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1972.



HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Disponível em: <[http://faa.edu.br/portal/PDF/livros\\_eletronicos/psicologia/a\\_Identidade\\_Cultural\\_Da\\_Pos\\_Modernidade.pdf](http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/a_Identidade_Cultural_Da_Pos_Modernidade.pdf)>. Data de acesso em: 16/07/2016.

LIBRANDI, Marília. *Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia*. In *O eixo e a roda*. *Revista de literatura brasileira*. Disponível em: [http://150.164.100.248/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%201,%20n.2/10-Marilia%20Librandi.pdf](http://150.164.100.248/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%201,%20n.2/10-Marilia%20Librandi.pdf)> Data de acesso em: 20/05/2016.

MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. Editora Record LMTDA. Rio de Janeiro, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina*. In: *Estudos Avançados*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9005/10557>> Data de acesso em: 20/05/2016.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2000.